

AS CONCEPÇÕES DO BRINCAR PARA PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Fabiana Floor Nunes¹

Rachel Freitas Pereira²

Resumo: O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo compreender as concepções que quatro professoras de uma Escola Municipal de Educação Infantil - EMEI - de Arroio Grande/RS têm a respeito da importância da brincadeira como parte do processo educativo. Nesta perspectiva através de uma pesquisa qualitativa, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com essas professoras, sendo cada uma delas de um nível educacional, ou seja, berçário, maternal, Pré-a e Pré-b, a fim de perceber de que maneira exploram o brincar em seus cotidianos junto às crianças de diferentes faixas-etárias. Os autores escolhidos para discutir a temática proposta, são: Vygotsky (1984), Marta Kohl Oliveira (2010), Tizuco Morchida Kishimoto (2005, 2011), Janete R. Moyles (2002, 2006), Vera Barros de Oliveira (2000), Zilma Ramos de Oliveira (2007) e juntamente com esses autores, Huizinga (1951), Brougère (1981, 1998) e Fromberg (1987), também foram realizadas algumas pesquisas em artigos, e monografias relacionadas a esta temática. Os dados das entrevistas foram divididas em duas categorias de análise: 1) concepções sobre o brincar, e o valor atribuído à brincadeira, e 2) O papel exercido quando utilizam as brincadeiras no cotidiano da educação infantil. Portanto, este estudo se demonstrou fundamental para estabelecer relações com os dados coletados possibilitando uma discussão embasada em estudos que comprovam a importância da brincadeira na vida da criança.

Palavras-chaves: Brincar. Crianças. Educação Infantil. Professoras.

Resumen: El presente trabajo de conclusión de curso tienen como objetivo comprender las concepciones que cuatro profesoras de una Escuela Municipal de Educación Infantil – EMEI – de Arroio Grande/RS tiene acerca de la importancia de juegos como parte del proceso educativo. Desde ese punto de vista, por medio de una investigación cualitativa, fueron realizadas entrevistas semiestructuradas con estas profesoras, estando cada una de ellas en un nivel educacional, o sea, *guardería, maternal, Pré-a e Pré-b*, a fin de percibir de qué manera el jugar es explorado en sus cotidianos junto a los niños de distintas edades. Los autores elegidos para discutir la temática propuesta, son: Vygotsky (1984), Marta Kohl Oliveira (2010), Tizuco Morchida Kishimoto (2005, 2011), Janete R. Moyles (2002, 2006), Vera Barros de Oliveira (2000), Zilma Ramos de Oliveira (2007) y junto con estos autores, Huizinga (1951), Brougère (1981, 1998) y Fromberg (1987), también se llevaron a cabo algunas investigaciones en artículos y monografías con la misma temática. Los datos de las entrevistas se han dividido en dos categorías de análisis:

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA/Jaguarão, e-mail: fabifloor@outlook.com

² Orientadora do TCC, docente do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA/Jaguarão, e-mail: chelfp@hotmail.com

1) concepções sobre el jugar y el valor asignado al juego, y 2) el papel desempeñado por los juegos en la educación infantil. Así, este estudio se ha demostrado fundamental para establecer relaciones con los datos recogidos posibilitando una discusión fundamentada en estudios que comprueban la importancia del juego en la vida de los niños.

Palabras clave: Juego. Los niños. Educación Infantil. Profesoras.

Introdução

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo compreender as concepções que quatro professoras de uma Escola Municipal de Educação Infantil - EMEI - de Arroio Grande/RS têm a respeito da importância da brincadeira como parte do processo educativo.

Sabe-se que o brincar na Educação Infantil, não é uma mera ocupação, e sim um direito fundamental para o desenvolvimento da criança, o qual deve ser instrumento pedagógico de planejamento minucioso, e com a devida intencionalidade do educador. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (BRASIL, 2010) o brincar é um direito antes de qualquer outro argumento, na construção do processo do conhecimento. No entanto, mesmo sendo considerado um direito amparado por lei, estudos comprovam que existem resistências dos professores com relação ao brincar. Segundo Oliveira (2000, p.7 e 15) brincar não é apenas recrear, é muito mais,

[...] é brincando que a criança se humaniza, aprendendo a conciliar de forma efetiva a afirmação de si mesma à criação de vínculos afetivos duradouros [...] manifesta como a criança organiza a sua realidade e lida com as suas possibilidades, limitações e conflitos [...] abre caminho para o processo de ensino/aprendizagem favorecendo a construção da reflexão, da autonomia e da criatividade.

Mas, em pleno século XXI é possível observarmos que algumas instituições de educação, professores e familiares ainda resistem ou desconhecem a importância do brincar para o desenvolvimento pleno da criança, priorizando

somente a folhinha de atividades como meio de aprendizagem efetiva, e a brincadeira aparece apenas como momento de recreação.

Convido o leitor há voltar um pouco no tempo para entender o motivo pelo qual me interessei por essa temática, o brincar e a suas especificidades. Tudo começou quando trabalhei em uma EMEI localizada no município de Arroio Grande/RS como atendente por cinco anos, no período de 2009 a 2014. No decorrer destes anos me chamava à atenção o modo com que as professoras titulares planejavam suas aulas com relação ao brincar. O mesmo era tratado de forma indiferente, ou seja, não sendo considerado um momento privilegiado em relação às demais atividades. Já neste período fazia minhas reflexões, e me posicionava com relação ao brincar das crianças, no sentido de perceber a sua importância. Entretanto, como mera atendente na escola não podia interferir no planejamento das aulas, e apenas realizava meu trabalho auxiliando a professora.

No ano de 2013 ingressei no curso de Pedagogia Licenciatura na Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, e quando estava no 6º semestre realizei meu primeiro estágio, o qual ocorreu em uma Escola de Educação Infantil na cidade de Arroio Grande/RS, na turma do Pré A com alunos de 4 a 5 anos. Deparei-me com uma turma maravilhosa, e fui muito bem recebida pela professora titular da turma. Observei a turma por uma semana, e juntamente com a minha orientadora³, planejei minhas aulas. Novamente, a temática “brincar” surge na minha vida.

Observei que a professora não desenvolvia com as crianças atividades com brinquedos e brincadeiras com objetivos específicos. Ao mesmo tempo, também não utilizava como ferramentas de aprendizagem os livros, a contação de histórias, o fazer recortes e colagens, a confecção de cartazes; como também não utilizava os espaços externos da escola como, o pátio coberto e não coberto. A professora preocupava-se apenas em realizar atividades de linguagem oral, escrita, e pintura em folhas, as quais eram realizadas de forma mecânica, e sem significado para as crianças.

Com base nessas observações pensei e planejei meu estágio, propondo para as crianças atividades diferenciadas, nas quais os brinquedos e brincadeiras

³ Professora Doutora Jane Pereira.

passariam a estar presentes no cotidiano. Desta forma, pude colocar em prática um pouco do que tinha aprendido no curso de formação inicial em Pedagogia sobre a importância do brincar para o desenvolvimento integral da criança.

Pesquisadores da área afirmam que a prática na educação infantil deve ter como objetivo a formação pessoal e social favorecendo a identidade e autonomia da criança, e o conhecimento de mundo quando entram em contato com o movimento, a música, as artes visuais, a linguagem oral e escrita, a natureza e sociedade, e a matemática. Nessa perspectiva, o profissional da educação infantil necessita ter bastante claro alguns conceitos primordiais, de criança, infância e de educação infantil, os quais impactarão no desenvolvimento de sua metodologia de trabalho. Segundo as DCNEI

A criança é um sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivência, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p.12).

Com base nessa perspectiva, discutiremos ao longo do artigo sobre a importância do brincar na primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil. Para dar conta de tal questão, apresentarei os procedimentos metodológicos, e no próximo item algumas discussões teóricas com relação à infância, a Educação Infantil e o brincar. Na continuação do artigo, as análises e as considerações finais.

Metodologia de pesquisa

Nessa etapa retomo o meu tema de pesquisa, o qual tem por objetivo compreender as concepções que quatro professoras de uma Escola Municipal de Educação Infantil - EMEI - de Arroio Grande/RS têm a respeito da importância da brincadeira como parte do processo educativo.

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, pois trabalhamos precisamente com pessoas, tendo como maior foco o estudo de caso com professores de uma escola pública de Educação Infantil. Para Minayo (2011 p.22), a pesquisa qualitativa

responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com a realidade, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Esta pesquisa foi realizada através de entrevista semi-estruturadas com quatro professoras de uma escola pública de Educação Infantil de Arroio Grande/RS, no mês de novembro de 2016, sendo uma professora de cada nível educacional, ou seja, berçário, maternal, Pré-a e Pré-b, a fim de perceber de que maneira exploram o brincar em seus cotidianos junto às crianças e a importância da brincadeira como parte do processo educativo.

O critério para escolher a escola foi que a mesma deveria atender todos esses níveis, crianças com idade entre 0 a 5 anos e 11 meses.

As entrevistas foram gravadas, e ocorreram na própria escola com a devida autorização da diretora. Todas as professoras foram solícitas a minha pesquisa, colocando-se inteiramente à disposição para responder aos meus questionamentos. Apresento alguns dados que caracterizam as quatro professoras entrevistadas:

PROFESSORA A: Tem 34 anos de idade, e formação em Magistério e Pedagogia. Possui 5 anos de experiência na Educação Infantil. Atua na turma PRÉ B II, com crianças entre 5 a 6 anos de idade.

PROFESSORA B: Tem 35 anos, e formação em Pedagogia. Possui 3 anos de experiência na Educação Infantil. Atua na turma do BERÇÁRIO II, com crianças entre 1 a 2 anos de idade.

PROFESSORA C: Tem 47 anos, e formação em Magistério, Pedagogia, e especialização em Mídias e Educação. Possui 2 anos de experiência na Educação Infantil. Atua na turma do PRÉ A I e PRÉ A IV, com crianças entre 4 a 5 anos de idade.

PROFESSORA D: Tem 41 anos de idade, e formação em Pedagogia e especialização em Educação Infantil. Possui 12 anos de experiência na Educação Infantil. Atua na turma do MATERNAL B, com crianças entre 3 a 4 anos de idade.

As perguntas realizadas com as professoras entrevistadas foram:

Formação:

Tempo de atuação no magistério:

Turma:

Idade:

1. Você costuma propor brincadeiras para as crianças? Por quê?
2. Quais brincadeiras costumam propor?
3. Com qual frequência você propõe as brincadeiras?
4. Como você planeja no cotidiano os momentos de brincadeira? Em quais momentos e espaços?
5. Quais as brincadeiras que as crianças preferem?
6. Quais os brinquedos que as crianças preferem?
7. Você acredita que a brincadeira poderá contribuir com o que na formação da criança?
8. Você acredita que as atividades com brincadeiras podem contribuir para a aprendizagem dos alunos? Quais aprendizagens?

Quadro 1: Entrevista com as professoras
Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2016.

Após esta contextualização, na próxima seção apresento algumas discussões teóricas sobre a temática, e após a análise das entrevistas que realizei com as professoras.

Uma breve revisão teórica sobre a infância, a Educação Infantil, e o brincar.

Faz-se necessário trazer alguns conceitos de infância em determinados períodos da história para que possamos entender as transformações que ocorreram

tanto na infância, quanto na educação das crianças ao longo dos tempos. Concepções que impactam na forma com que as crianças brincam.

Hoje, se reconhece a criança como um “sujeito de direitos”, como abordei anteriormente, mas nem sempre foi assim. Cada época teve a sua maneira própria de considerar o que é ser criança, e de caracterizar as mudanças que ocorrem com ela ao longo da infância.

Segundo Ariès (1981) na antiguidade a criança era vista como um pequeno adulto. A educação se dava através da convivência com os adultos, muitas vezes longe da família. Depois de passar pelo período da dependência de outros, passava a ajudar os adultos nas atividades cotidianas.

Conforme Ariès (1981) no início do século XVII crianças e adultos partilhavam das mesmas brincadeiras e jogos, conhecidos como cabra-cega, jogo de argolas, jogo de cartas, jogo de bola, esconde-esconde, xadrez e também as festas religiosas e sazonais. O trabalho não ocupava o dia todo, por isso os jogos e divertimentos serviam como meio para estreitar laços coletivos.

Ainda segundo o autor essa visão modificou-se, ao longo do século XVII, com a influência dos jesuítas, assim como os humanistas do Renascimento, os quais começaram a perceber as possibilidades educativas dos jogos. No entanto, esses jogos, brincadeiras e divertimentos passaram a ter uma visão moral, e eram proibidos e discriminados pelos moralistas e pela igreja que os associavam aos prazeres carnais, aos vícios e ao azar.

Propuseram-se a assimilá-los e a introduzi-los oficialmente em seus programas e regulamentos, com a condição de que pudessem escolhê-los, regulamentá-los e controlá-los. Assim disciplinados, os divertimentos reconhecidos como bons foram admitidos e recomendados, e considerados a partir de então como meios de educação tão estimáveis quanto os estudos (ARIÈS, 1981 p. 65).

Passou-se a ensinar no colégio a dança, introduziu-se a comédia que outrora fora condenada, assim como diálogos em latim sobre temas sacros e até mesmo o balé foi tolerado.

Reconhecemos as salas de aula, a biblioteca, mas também a aula de dança, e o jogo da péla e de bola. Um sentimento novo, portanto, apareceu:

a educação adotou os jogos que até então havia proscrito ou tolerado como um mal menor (ARIÈS, 1981 p. 65).

Wajskop (1994, p. 67) cita Comenius (1593) Rousseau (1712) e Pestalozzi (1746) trazendo contribuições desses autores para uma nova visão e valorização da infância a partir do século XVIII, como a proteção da criança, e propostas voltadas para a educação dos sentidos, sugerindo o uso do brinquedo como métodos para a educação.

Zilma Ramos de Oliveira (2007), também cita Jean Jacques Rousseau (1712-1778) afirmando que o autor defendia uma proposta educacional que combatia preconceitos e autoritarismos. Rousseau revolucionou a educação de seu tempo ao afirmar que a infância não era apenas uma via de acesso, um período de preparação para a vida adulta, mas tinha valor em si mesma.

Em vez do disciplinamento, propunha que a educação seguisse a liberdade e o ritmo da natureza, contrariando os dogmas religiosos da época, (...) ressalta que a criança deveria aprender por meio da experiência, de atividades práticas, da observação, da livre movimentação, de formas diferentes de contato com a realidade". (OLIVEIRA, 2007, p. 64,65).

Esses autores criaram condições, e abriram caminhos para posteriores discussões sobre a importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil. Froebel (apud OLIVEIRA, 2007 p.67) criou em 1837 um *kindergarten* (jardim-de-infância). Os jardins-de-infância tinham uma proposta pedagógica que incluía atividades de cooperação e o jogo. Esses espaços se diferenciavam das escolas e das casas assistenciais que existiam na época que se preocupavam em moldar os alunos.

Conforme Oliveira (2007) o jardim-de-infância (1875/1877) no Brasil foi recebido com entusiasmo por alguns setores sociais, todavia, gerou muitos debates entre políticos da época. Muitos criticavam por identificá-la com as salas de asilo francesas, entendida como locais de mera guarda das crianças, outros defendiam, pois trariam vantagens para o desenvolvimento infantil, sob a influência dos escolanovistas.

De acordo com Sanches (2003), no final do século XIX, com o crescimento da industrialização e urbanização no país, e o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho surge a creche no Brasil. As creches não tinham como preocupação principal a educação da criança. Eram instituições voltadas à assistência para a infância, e foi somente com a absorção das propostas pedagógicas que se transformaram em instituições que ofereciam de forma indissociada o cuidado/educação às crianças.

As políticas públicas para a infância também foram sendo aos poucos estabelecidas, e a criança passou a ser valorizada em todos os aspectos. Como afirma Oliveira (2007)

A atual etapa reconhece o direito de toda criança à infância. Trata-a como “sujeito social” ou “ator pedagógico” desde cedo, agente construtor de conhecimentos e sujeito de autodeterminação, ser ativo na busca do conhecimento, da fantasia e da criatividade, que possui grande capacidade cognitiva e de sociabilidade e escolhe com independência seus itinerários de desenvolvimento. A inteligência infantil, sua linguagem e suas formas de representação via desenhos, modelagens, pinturas, são cada vez mais valorizadas [...] (p. 81).

Em consequência de estudos já realizados sobre a criança, ela aparece com uma nova identidade. As crianças têm direitos, necessidades, precisam de um espaço organizado e pensado para elas no ambiente escolar, bem como da atenção dos adultos.

A partir da LDB, Lei de nº 9394/96, art. 29 diz: “A educação infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e comunidade”. (BRASIL, 1996).

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL,1998) especifica os vários aspectos a serem contemplados, e dentre eles o brincar:

O respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas etc.;

O direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil;

O acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética;

A socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma; O atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade. (BRASIL,1998, p.13).

Assim, as práticas pedagógicas devem ter como base as interações e as brincadeiras de acordo com as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil, DCNEI (BRASIL, 2010) que garantam diversas experiências que propiciem aos alunos terem o conhecimento de si e do mundo, através das diferentes linguagens e dos diversos materiais:

As propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios: Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática. Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais. (BRASIL, 2010, p.16).

O Referencial Curricular para a Educação Infantil - RCNEI (BRASIL, 1998) já trazia a importância do brincar na Educação Infantil, uma vez que através das brincadeiras a criança exerce a capacidade de criar, usar a sua imaginação, e aprender com mais facilidade.

Quando uma criança brinca de algo se utiliza de suas vivências, da imitação, de cenas da TV, cinema, livros, mas seus conhecimentos ainda estão fragmentados, o professor pode, então, orientar as brincadeiras para o aprendizado e para a resolução de problemas que lhe são importantes e significativas.

As brincadeiras de faz de conta, os jogos de construção e aqueles que possuem regras, como os jogos de sociedade (também chamados de jogos de tabuleiro), jogos tradicionais, didáticos, corporais etc., propiciam a ampliação dos conhecimentos infantis por meio da atividade lúdica. (BRASIL, 1998a, p. 28).

Sendo assim, está nas mãos dos professores, das instituições de educação, e da família se utilizarem desses recursos para obter uma melhor aprendizagem das nossas crianças, que muitas vezes ficam realizando atividades repetidas sem nenhum significado para elas. Segundo os RCNEI (BRASIL,1998)

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis. (BRASIL,1998, p.23).

Nessa perspectiva, os autores escolhidos para discutir a temática proposta neste trabalho de conclusão de curso são: Vygotsky (1984), Marta Kohl Oliveira (2010), Tizuco Morchida kishimoto (2005, 2011), Janete R. Moyles (2002, 2006), Vera Barros de Oliveira (2000), Zilma Ramos de Oliveira (2007) e juntamente com esses autores, Huizinga (1951), Brougère (1981, 1998) e Fromberg (1987), também foram realizadas algumas pesquisas em artigos, e monografias relacionadas a esta temática.

Buscar-se-á aqui conhecer algumas concepções sobre jogo, brinquedo e brincadeira de acordo com os autores que embasam meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Conforme Kischimoto (2005) na teoria piagetiana, a brincadeira é entendida como ação assimiladora, a qual aparece como expressão da conduta com características simbólicas como prazerosa e espontânea. Para Piaget o jogo tem estreita relação com a construção da inteligência, e adota a brincadeira como conduta livre, pelo simples prazer ao realizar uma atividade, uma vez que ao revelar à conduta lúdica a criança confirma o nível de seus estágios cognitivos e constrói conhecimentos. Souza (2009) explica que

Piaget estrutura o jogo em três categorias: o jogo de exercício onde o objetivo é a função em si-, o jogo simbólico – onde o indivíduo se coloca independente das características do objeto, funciona em esquema de assimilação, e o jogo de regra, no qual esta implícita uma relação inter individual que exige a resignação por parte do sujeito. Piaget cita ainda uma quarta modalidade, que é o jogo de construção, em que a criança cria algo. Esta última situa-se a meio caminho entre o jogo e o trabalho, pelo compromisso com as características do objeto. (SOUZA, 2009, p.27).

Já de acordo com Vygotsky (1984), o brincar não poder ser considerado como algo que traz apenas prazer à criança. Os jogos esportivos, por exemplo, com muita

frequência, são acompanhados do desprazer, quando o resultado não favorece a criança uma vez que podem ser tanto ganhos como perdidos. Muitas atividades dão à criança experiências de prazer muito mais intensas do que a brincadeira, como por exemplo, chupar chupeta, mesmo que a criança não se sacie.

Vygotsky (apud OLIVEIRA, 2010, p.68,69) relata que o brincar é uma importante fonte de desenvolvimento, pois este cria uma zona de desenvolvimento proximal através da situação de imaginação e pela definição de regras específicas. Vygotsky se dedica especialmente ao estudo dos jogos ou brincadeiras de “faz de conta”.

Quando Vygotsky discute o papel do brinquedo, refere-se especificamente à brincadeira de "faz de conta", como brincar de casinha, brincar de escolinha, brincar com um cabo de vassoura como se fosse um cavalo. Faz referência a outros tipos de brinquedo, mas a brincadeira "faz de conta" é privilegiada em sua discussão sobre o papel do brinquedo no desenvolvimento. (OLIVEIRA, 2010, p.68).

Podemos perceber, que estas são brincadeiras que representam simbolicamente e desenvolvem uma situação imaginária, pela qual a criança é levada a um mundo imaginário, e a situação é definida pelo significado e não pelos elementos reais. Mesmo sendo uma situação imaginária, o brincar é uma atividade regida por regras e o mesmo acontece no "faz de conta", no qual há regras e devem ser seguidas.

Por meio das regras nas brincadeiras as crianças são levadas a se comportarem de forma mais avançada que a sua idade, externalizando uma ação ilusória e imaginária. Quando brincam de ônibus, por exemplo, a criança passa a adotar uma postura e um comportamento como a do motorista, projetando-se nas atividades adultas, aprendendo a separar o objeto do significado contribuindo no desenvolvimento da criança.

Para Kishimoto (2011) os termos jogo, brinquedo e brincadeira acabam tendo significados imprecisos, pois são empregados em diferentes formas de classificações. Existe uma grande variedade de jogos denominados como "faz-de-conta", simbólicos, motores, sensório-motor, intelectuais ou cognitivos, de exterior, de interior, individuais ou coletivos, metafóricos, verbais, de palavras, políticos, de

adultos, de animais, de salão e inúmeros outros fenômenos que são classificados como jogo.

O termo jogo se torna algo completamente complexo em sua definição. Além de que a dificuldade aumenta ainda mais quando um mesmo comportamento pode ser visto como jogo ou não-jogo dependendo da cultura em que está inserida. Por exemplo, a boneca é um brinquedo para a criança que brinca de “filhinha”, mas para certas tribos indígenas é símbolo de divindade e adoração (KISHIMOTO, 2011 p. 2). Segundo Kishimoto o

[...] **Brinquedo** será entendido sempre como **objeto, suporte de brincadeira, brincadeira como a descrição de uma conduta estruturada, com regras e jogo infantil para designar tanto o objeto e as regras do jogo da criança.** [...] Dar-se-á preferência ao emprego do termo jogo, quando se referir a uma descrição de uma ação lúdica envolvendo situações estruturadas pelo próprio tipo de material como o xadrez, trilha e dominó (KISHIMOTO, 2011 p. 7).

Desta forma os termos jogo, brinquedo e brincadeira foram entendidos a partir da conceitualização desta autora sendo utilizados no Brasil muitas vezes como sinônimos.

Huizinga (*apud* KISHIMOTO, 2011, p. 03) discute a natureza do jogo descrevendo-o como elemento cultural, e aponta as características relacionadas aos aspectos sociais: o prazer ou desprazer do jogador, o caráter “não sério” da ação, a liberdade de expressão e sua separação dos fenômenos cotidianos, a existência de regras, o caráter fictício ou representativo e a limitação do jogo no tempo e no espaço.

Quando o autor destaca como característica o “não sério” é importante destacar que está relacionado com o riso, o cômico, e não com a falta de seriedade da atividade. Referente à liberdade, o autor traz que o jogo é uma atividade voluntária do ser humano, e se for sujeito a ordens, deixa de ser jogo. Só é jogo quando a ação é voluntária, saindo do cotidiano indo para o imaginário, mas temos também as regras que podem ser explícitas (jogo de xadrez) e implícitas (brincadeira de "faz-de-conta") as quais tem uma sequência durante a brincadeira.

Já conforme as contribuições de Fromberg (1987 *apud* KISHIMOTO, 2011, p. 36) o jogo infantil inclui as seguintes características:

simbolismo, ao representar a realidade e atitudes; **significação**, uma vez que permite relacionar ou expressar experiências; **atividades**, ao permitir que as crianças façam as coisas; **voluntário ou intrinsecamente motivado**, ao incorporar seus motivos e interesses; **regrado**, de modo implícito ou explícito; e **episódico**, caracterizado por metas desenvolvidas espontaneamente (KISHIMOTO, 2011 p. 6 e 7).

Brougère (1981, apud KISHIMOTO, 2011, p.8), filósofo e antropólogo relata que os brinquedos fabricados para as crianças só adquirem um sentido lúdico quando utilizados como suporte da brincadeira, se isso não ocorre, são meramente objetos. Nessa perspectiva, é a função lúdica que dá o status de brinquedo, funcionando como objeto simbólico que estimula a brincadeira.

Com base neste referencial teórico, o próximo item se propõe a analisar as entrevistas realizadas no contexto da Educação Infantil.

O brincar na Educação Infantil: a perspectiva das professoras de uma Escola Municipal de Educação Infantil

Ao realizar as entrevistas foi possível perceber as concepções que quatro professoras de uma Escola Municipal de Educação Infantil - EMEI - de Arroio Grande/RS têm com relação à importância da brincadeira como parte do processo educativo, incluindo: 1) Concepções sobre o brincar, e o valor atribuído à brincadeira, e; 2) o papel exercido quando utilizam as brincadeiras no cotidiano da Educação Infantil. Estas se configuraram as categorias de análise deste estudo.

1) Concepções sobre o brincar, e o valor atribuído à brincadeira

Nesse aspecto, pudemos observar através das análises das entrevistas que as professoras falaram sobre suas concepções com relação ao brincar, e qual a importância que a mesma possui para o desenvolvimento da criança.

A professora A compreende que o brincar é essencial na Educação Infantil. Afirmou que mesmo tendo que cumprir os conteúdos, as brincadeiras servem para alcançar objetivos. Explicou que não gosta muito de pintura em folhinha, pois

acredita que as crianças se desenvolvem mais e melhor através da brincadeira, pois aprendem com mais vontade.

Já a professora B disse que o brincar contribui inteiramente na formação psicomotora da criança, e que na Educação Infantil é fundamental trabalhar o lúdico.

A professora C afirmou que o brincar contribui na socialização, pois as crianças não ficam apenas na mesa brincando, elas aprendem a brincar em grupo, e dividir.

E a professora D, respondeu que é brincando que a criança aprende a respeitar as regras, contribuindo para o seu desenvolvimento integral.

Podemos perceber que todas as professoras compreendem que as crianças pequenas alcançam a compreensão através de experiências que fazem sentido para elas, e nas quais podem usar seus conhecimentos prévios. O brincar proporciona essa base essencial. É muito importante que as crianças aprendam a valorizar suas brincadeiras, o que só pode acontecer se elas forem igualmente valorizadas por aqueles que as cercam. Brincar mantém as crianças física e mentalmente ativas.

Peter K. Smith (2006) no capítulo “o brincar e os usos do brincar” acredita que, a partir do brincar, a criança adquire habilidades desenvolvimentais, sociais, intelectuais criativas e físicas tendo como base o social. Por essa razão, questionei as professoras sobre quais as brincadeiras e brinquedos que as crianças preferiam.

No caso da professora A respondeu que os seus alunos preferem a brincadeira livre, o pular corda, a dança da cadeira, o bambolê, e o brincar de fazer comidinha. Gostam de carros grandes, bola, bonecas, e blocos lógicos.

A professora B respondeu que as crianças preferem as brincadeiras com motocas, bola, brincar de casinha, e o brincar livre, pois podem escolher os brinquedos da sala. Já a professora C disse que seus alunos preferem a bola, o brincar na pracinha, a massinha de modelar, encher balão, e aqueles brinquedos que trazem de casa, pois são diferentes e podem emprestar. E por fim, a professora D, a qual explicou que as crianças gostam de brincadeiras que envolvam a música, o movimento com o corpo, e Jogos, como: quebra-cabeça e encaixe.

Gostaria de ressaltar algo que me chamou atenção, que diz respeito às respostas da professora B, a qual atua no Berçário com os bebês, e aponta algumas das especificidades do brincar nesta faixa-etária. Referente ao brincar dos bebês, a autora Vera Barros de Oliveira (2000) afirma que o significado do brincar é de suma importância na construção de inteligência, equilíbrio emocional e socialização, pois ensina a escolher, assumir, participar, delegar e postergar. Eles utilizam o seu corpo, rolam, engatinham, tira e põem diversas vezes. (OLIVEIRA, 2000, p.16).

Segundo Oliveira (2000) para aprender a agir e até mesmo brincar é necessário o contato com o outro, aprender através da humanização com o convívio social. No caso do bebê, é com a mãe ou alguém que substitua, mantendo assim um vínculo estável, afetivo e confiável. Simbolicamente o bebê aprende a esperar, suportar as frustrações da separação, até mesmo a ausência da mãe, que cuida, alimenta e brinca porque ele está confiante no seu retorno.

O autor Aidyl M. de Queiroz Pérez Ramos (2000) apoiado nas ideias de Brougère (1998) afirma que o ato de brincar se inicia já nos primeiros meses de vida da criança, e que para isso é necessário que se manifeste livremente embora possa ser estimulado adequadamente. Conforme este autor o bebê pode brincar por sua própria conta, com os pés e mãos, podendo também se utilizar de brinquedos e brincadeiras apropriadas para sua faixa-etária.

Sobre a frequência que as professoras propunham as brincadeiras às crianças, todas as entrevistadas responderam que as usam diariamente nos seus planejamentos, sendo que a professora A explicou que três vezes na semana têm a brincadeira dirigida, aquele momento em que ela brinca e interage com a turma. A professora B ressaltou que conforme o conteúdo que irá desenvolver no dia faz uma brincadeira que vá ao encontro com o objetivo que quer alcançar.

A professora C concluiu a sua resposta com a afirmação de que não se pode trabalhar sem as brincadeiras, e sem considerar os brinquedos que as crianças levam para a escola.

Neste contexto, se torna muito importante sabermos como as entrevistadas planejam no cotidiano os momentos de brincadeira, em quais momentos e espaços. A professora A respondeu que sempre integra o brincar na rotina, às vezes depois

da acolhida, ou no final da aula. E que planeja tanto a brincadeira livre ou dirigida nos espaços da sala, pátio, praça, e saguão.

Já a professora B, afirmou que diariamente existe uma rotina fixada. Primeiramente a brincadeira livre, depois, a brincadeira dirigida tanto na sala, como no pátio, no saguão, ou na sala multiuso.

No caso da professora C relatou que também tem uma rotina. Tem dias que tem artes, filme, pracinha e jogos de bola. As brincadeiras livres são sempre no começo da aula, ou propõe um filme. Os espaços que permite o brincar são: dentro da sala, pátio interno e pracinha.

A professora D respondeu que em cada momento do dia deve haver a hora da ludicidade, e que as brincadeiras podem tanto ser realizadas dentro da sala, quanto ao ar livre, proporcionando um maior desenvolvimento à criança.

Conforme Moyles (2006) estamos ligados às crianças e conseqüentemente ligados ao brincar como um processo que atravessa mudanças. Geralmente, as pessoas concordam que é direito das crianças brincarem, mas esse direito abrange também ao contexto escolar? Em uma entrevista para a revista Pátio Educação Infantil a autora Moyles foi indagada sobre como o brincar deve ser usado no currículo dos primeiros anos da Educação Infantil. A autora respondeu que o brincar é uma parte fundamental da aprendizagem e do desenvolvimento nos primeiros anos de vida. As crianças brincam instintivamente e, portanto, os adultos deveriam aproveitar essa inclinação "natural". Crianças que brincam confiantes tornam-se aprendizes vitalícios, capazes de pensar de forma abstrata e independente, assim como de correr riscos a fim de resolver problemas e aperfeiçoar sua compreensão.

Significa que os programas de Educação Infantil devem estar baseados em atividades lúdicas como princípio central das experiências de aprendizagem. Isso é bastante difícil de conseguir na vigência de práticas excessivamente prescritivas em termos de conteúdo curricular.

Assim concluo a primeira categoria de análise das entrevistas das professoras, Concepções sobre o brincar, e o valor atribuído à brincadeira. E passamos a segunda categoria de análise.

2) O papel exercido quando utilizam as brincadeiras no cotidiano da Educação Infantil

Nesta categoria apresento a análise das entrevistas com relação ao papel atribuído à brincadeira pelas professoras quando a utilizam no contexto da escola com as crianças.

No que diz respeito a aprendizagem, a pergunta 8⁴ da entrevista realizada com as professoras vai ao encontro com o que defende Moyles (2006), a qual afirma que o brincar é uma parte fundamental da aprendizagem e do desenvolvimento. Nesta questão perguntei se elas acreditavam que as brincadeiras poderiam contribuir para a aprendizagem dos alunos, e para quais. A professora A respondeu-me: *"trabalho todos os aspectos, corpo, mente e imaginação, e futuramente a interpretação. É essencial a Educação Infantil ajudar na aprendizagem de forma geral, sendo que na turma do PRÉ B, tem que se cumprir o "sistema positivo", o que atrapalha o uso do brincar"*.

Já a professora B, disse que o brincar desenvolve a aquisição da linguagem, a coordenação motora ampla e fina, e o equilíbrio. Acredita que a música, a dramatização, e o movimento, mais tarde serão fundamentais na alfabetização.

A professora C defende que o brincar contribui com a matemática, no processo de aprendizagem de somar e dividir. E que o dado com as vogais, e as atividades de desenvolvimento de coordenação motora ampla e fina, como a massa de modelar, e a Educação Física também contribuem para a aprendizagem.

E a quarta professora entrevistada, denominada D, respondeu que através da brincadeira percebe o quanto a criança aprende a ouvir, desenvolver a atenção, a relacionar-se, a estimular o raciocínio e aprender que há limites.

Quando questionadas sobre quais brincadeiras propunham aos seus alunos, responderam que se utilizam das duas formas de brincar, livres e dirigidas. No caso das brincadeiras dirigidas a professora B respondeu que se utiliza dessa forma

⁴ Você acredita que as atividades com brincadeiras podem contribuir para a aprendizagem dos alunos? Quais aprendizagens?

quando quer alcançar um objetivo específico com determinada atividade, enquanto a professora D, utiliza-se de brincadeiras que soltem a imaginação e também desenvolvam sua coordenação ampla.

A resposta das entrevistadas vai ao encontro com as afirmações da autora Moyles (2002, p. 24 e 25), a qual defende que o brincar é um processo que pode acontecer de forma livre, ou dirigida. Estruturado na escola pelos materiais disponíveis, os brinquedos selecionados desenvolvem determinada aprendizagem, a qualidade do brincar dependerá da quantidade e da variedade do que for oferecido, cabe ao professor saber planejar o que pretende da criança em uma determinada situação lúdica.

O brincar livre seria a exploração das crianças sobre o ambiente e objetos, sozinhos, sendo importante que tenha uma variedade de materiais e acessórios adequados a sua disposição para brincar e a partir daí se divertem da forma que definirem. "As crianças aprendem sobre situações, pessoas, atitudes e respostas, materiais, propriedades, texturas, estruturas, atributos visuais, auditivos e cinestésicos" (MOYLES, 2002. p. 33).

Todavia, o brincar torna-se dirigido quando o professor utiliza-se da mediação nas inter-relações e na forma do brincar. Tal intervenção proporciona às crianças novas possibilidades de explorar o brinquedo, assim como amplia o repertório conceitual e mental como um todo. O brincar dirigido dá a possibilidade de ampliar capacidades e proporcionar avanços para a aprendizagem e desenvolvimento do sujeito, uma vez que "Por meio do brincar dirigido, as crianças têm outra dimensão e uma nova variedade de possibilidades estendendo-se a um relativo domínio dentro daquela área ou atividade" (MOYLES, 2002, p. 33).

Estas duas formas de brincar podem ser utilizadas juntas. No primeiro momento o professor pode aproveitar o brincar livre para identificar preferências e formas de se organizarem, e utilizar estes dados para planejar atividades futuras. Depois de certo tempo ele poderá orientar estas brincadeiras, sem desconsiderar o "jeito" das crianças, em concordância com Moyles (2002), canalizar a exploração e a aprendizagem do brincar levando as crianças a um estágio mais avançado de entendimento.

Através das respostas das professoras se observa que elas percebem a importância das brincadeiras para as aprendizagens das crianças e se utilizam desse recurso para desenvolver seus planejamentos em sala de aula. Para melhor embasar a resposta das professoras, apoio-me também na resposta dada pela autora Moyles (2006) para a revista *Pátio Educação Infantil* quando indagada: O que é importante que os adultos saibam para melhor aproveitar o potencial educativo das brincadeiras?

A autora responde que é essencial conhecer o máximo possível sobre a criança e suas experiências anteriores, sua cultura e sua linguagem. Observar e ouvir a criança para descobrir no que ela está prestando atenção ou no que está interessada e, de vez em quando, fornecer determinados recursos ou criar um contexto para sustentar esses interesses são formas pelas quais os adultos podem "ensinar" através do brincar. Fundamentalmente, uma das principais funções dos educadores é arranjar tempo para conversar com as crianças quando a brincadeira precisa terminar sobre o que estavam fazendo e o que pareciam estar obtendo com ela. Igualmente é imprescindível o subsequente planejamento dos educadores para ampliar e desenvolver as oportunidades dos alunos através de suas brincadeiras espontâneas, a partir da análise e avaliação das experiências lúdicas de cada dia. Ainda segundo Moyles (2002)

O brincar dirigido refere-se principalmente ao processo, a segunda situação de brincar livre inclui o processo e modo e é dentro desse tipo de brincar que os professores devem procurar a aprendizagem real, [...] o ensino cuidadosamente concebido em função dos interesses da criança pode ajudar no planejamento, pensamento, monitoramento e avaliação do trabalho [...], porém é que nem a direção do brincar nem a definição de seus conteúdos irão permitir uma maior aprendizagem, a aprendizagem está na oportunidade oferecida à criança a aplicar algo da atividade lúdica dirigida em outra situação. (p.33).

Sendo assim, nota-se na fala da autora que tanto o brincar livre e dirigido contribui para a aprendizagem, mas isto acontece com mais intensidade quando o aluno percorre esses dois processos com a intervenção do professor permitindo, assim, que ele amplie suas experiências e que possa utilizar essa aprendizagem em outras situações do seu cotidiano.

Edda Bomtempo (2000, p. 129) afirma que “No comportamento diário das crianças, o brincar é algo que se destaca como essencial para seu desenvolvimento

e sua aprendizagem. Dessa forma, se quisermos conhecer bem as crianças, devemos conhecer seus brinquedos e brincadeiras”. Então, questionei as professoras sobre as brincadeiras que costumam propor às crianças, e responderam-me da seguinte forma:

A professora A disse que se utiliza do brinquedo livre, explicando que cada criança brinca a sua maneira, e realiza observações sobre a forma com que brincam, se brincam em grupo ou sozinhas. Mas, também revelou que realiza a brincadeira dirigida, como por exemplo: a história, as cantigas de roda, o faz-de-conta, a dança da cadeira, e os valores humanos com os bonecos na sala.

A professora B também utiliza as brincadeiras de forma livre e dirigida. Segundo ela, as dirigidas são sempre de acordo com o objetivo proposto para ser atingido no dia, como por exemplo: pula-pula, bambolê e bola.

A professora C respondeu que além das brincadeiras livres, que as crianças adoram, e que servem para se desenvolverem, como pular corda, e jogar bola, também executam as brincadeiras na sala de aula, como: dança da cadeira, blocos lógicos, dados com vogais construídos pela professora, e encher balão para o desenvolvimento da fala.

Já a professora D dá preferência para as brincadeiras que permitam a imaginação, e também desenvolver a coordenação motora.

A partir dessas respostas podemos observar que as professoras se utilizam das modalidades de brincadeiras que a autora Kischimoto (2005) ressalta que devem estar presentes na Educação Infantil, sendo:

- **Brinquedo educativo, com fins pedagógicos;**

Recursos que ensinam e desenvolvem de forma prazerosa como, por exemplo, o quebra-cabeça, jogos de tabuleiro, brinquedos de encaixe, móveis e parlendas, cada um com uma função específica. São utilizados como instrumentos de aprendizagem e de desenvolvimento infantil. Quando as situações lúdicas são criadas pelo professor com a intenção de estimular a aprendizagem surge assim a dimensão educativa. Ao assumir as funções lúdica e educativa deve-se considerar:

- Função lúdica: o brinquedo propicia diversão, prazer ou desprazer, quando escolhido voluntariamente;
- Função educativa: o brinquedo ensina algo que agregue à criança saber, conhecimentos e visão de mundo.

- **Brincadeiras tradicionais;**

Está ligada ao folclore, expressado pela oralidade manifestação livre e espontânea da cultura popular. Tem a função de perpetuar a cultura infantil e permitir o prazer em brincar, garantindo a presença do lúdico, da situação imaginária, como por exemplo: amarelinha, empinar papagaios, e jogar pedrinhas.

- **Brincadeiras de faz-de-conta;**

Conhecida também como simbólica evidencia a situação imaginária caracterizada pela representação e a linguagem em torno de 2 e 3 anos quando a criança começa a alterar os significados dos objetos e expressar seus sonhos/fantasias. O faz-de-conta tem regras implícitas e o conteúdo imaginário provém de experiências adquiridas pelas crianças em diferentes contextos. Desta forma, aprende a criar símbolos.

- **Brincadeiras de construção;**

Criado por Froebel são jogos que enriquecem a experiência sensorial, estimula a criatividade e desenvolve habilidades nas crianças. Tem uma relação com as brincadeiras de faz-de-conta, pois utilizam o imaginário construído, transformando e destruindo. Assim, expressam suas representações mentais e manipulam objetos.

Parafraseando a autora Janete R. Moyles (2006, p.13) definir um conceito ao brincar é como agarrar bolhas de sabão, quando pensamos que vamos nos agarrar em algo, por sua natureza transitória, impede que o agarremos. Portanto, o conceito sobre o brincar ainda nos desafia. Para Moyles (2006)

[...] não é fácil distinguir um significado que poderia ser atribuído ao “brincar infantil”, pois ele provavelmente seria uma combinação de muitos significados [...] faz mais sentido considerar o brincar como um processo que em si mesmo, abrange uma variedade de comportamentos, motivações, oportunidades, práticas, habilidades e entendimentos. (MOYLES, 2006, p.13).

Considerações Finais

A partir desta pesquisa percebemos através das respostas das professoras e através dos estudos dos autores que utilizei para embasar teoricamente meu Trabalho de Conclusão de Curso a importância do brincar para o desenvolvimento e aprendizagens das crianças, isto é, a criança aprende enquanto brinca, pois através do lúdico, vivencia a aprendizagem como um processo social.

Para realizar este estudo foi necessário trazer alguns conceitos primordiais, sobre criança, infância e de Educação Infantil para que pudéssemos compreender as transformações que ocorreram tanto na infância, quanto na educação das crianças ao longo dos tempos. Concepções que impactam na forma com que as crianças brincam, pois em consequência de estudos já realizados sobre a criança, ela aparece com uma nova identidade, são sujeitos de direitos, com necessidades e precisam de um espaço organizado e pensado para elas no ambiente escolar, bem como da atenção dos adultos.

Na primeira categoria, conforme as respostas das professoras, pudemos perceber que todas as professoras compreendem que as crianças pequenas alcançam a compreensão através de experiências que fazem sentido para elas, e nas quais podem usar seus conhecimentos prévios. Brincar mantém as crianças física e mentalmente ativas.

Na segunda categoria, verificamos que as professoras se utilizam das modalidades de brincadeiras que a autora Kischimoto (2005) ressalta que devem estar presentes na Educação Infantil. E quando questionadas sobre quais brincadeiras propunham aos seus alunos, responderam que se utilizam das duas formas de brincar: livre e dirigida.

Muito se tem estudado e discutido sobre a temática do brincar e suas especificidades, sendo assim, as contribuições dos autores referenciados neste estudo foram fundamentais para estabelecer relações com os dados coletados possibilitando uma discussão embasada em estudos que comprovam a importância da brincadeira na vida da criança.

Mas apesar desses estudos e das DCNEI (BRASIL, 2009) estabelecerem que a brincadeira constitui um dos eixos norteadores das práticas pedagógicas na Educação Infantil, pesquisas realizadas nesse campo ainda demonstram o quanto a brincadeira nem sempre ocupa o lugar privilegiado que deveria ocupar nesse ambiente, por isso a necessidade de estudos sobre a presente temática.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BRASIL, Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília. 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais Curriculares para a Educação Infantil**. Resolução CNE/CEB 5/2009. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** /Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

BOMTEMPO, Edda. Brincar, fantasiar, criar e aprender. In: OLIVEIRA, V. B. de (Org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 127-149.

KISHIMOTO, M. Tizuko. **O jogo e a Educação Infantil**. Cengage Learning. São Paulo, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOYLES, Janet R. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil**. Tradução: Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MOYLES, J. A pedagogia do brincar. Revista Pátio Educação Infantil, ano VII, n. 21, nov. – dez. 2009, p. 18-21.

OLIVEIRA, Vera Barros (ORG). Introdução In: **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

RAMOS, Aidyl M. de Queiroz Pérez. A criança pequena e o despertar do brincar (primeiros dois anos de vida). In: OLIVEIRA, Vera Barros (ORG). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis: Vozes, 2000.p.57-94

SANCHES, Emilia Cipriano, **Creche: realidade e ambiguidades/** Emilia Cipriano Sanches- Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SOUZA, Amanda Ap. S. **O brincar e sua importância frente à teoria de Vygotsky e suas contribuições para a Educação Infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009 p.27.

SMITH, Peter K. O brincar e os usos do brincar. In: MOYLES, Janet R. e colaboradores. **A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre educação infantil e anos iniciais**; trad. Maria Adriana Veronese – Porto Alegre: Artmed, 2006. p.25-38

WAJSKOP, Gisela. Artigo **Brincar na Educação Infantil**. Belo Horizonte , 1994.

VIGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.